

Sobre o sistema e a continuidade da literatura do RN

No capítulo introdutório da obra *Formação da literatura brasileira* (1959), Antonio Candido discorre sobre conceitos que servem para nortear, ainda hoje, a observação e a análise literárias. De acordo com Candido, para que uma literatura nacional se constitua, é necessária a noção de sistema literário, ou seja, a existência de um conjunto de obras que mantêm um diálogo entre si, gerando uma perspectiva de continuidade entre os escritos. É partindo dessas ideias fundamentadoras que Candido traça o panorama dos momentos decisivos para a formação da literatura brasileira.

O sistema literário funciona quando uma obra influencia sobre a elaboração de outras, formando, com o passar do tempo, a noção de uma tradição literária, que envolve não apenas os produtores de literatura, mas também o público, os receptores. Desse modo, a literatura deve ser interpretada a partir da averiguação de seus aspectos estéticos, que compõem o valor artístico da obra, e também de seus aspectos históricos, que permitem a observação da inter-relação entre as obras.

O primeiro esforço de observação historiográfica e análise crítica da literatura norte-rio-grandense, enquanto sistema interligado que se tem conhecimento, remete ao nome de Antonio Marinho, que em 1898, nas páginas da revista cultural *A Tribuna*, esboçou quadro da literatura potiguar até aquele momento. A Antonio Marinho deve-se também a primeira polêmica da literatura do Estado, envolvendo a ele e ao poeta e dramaturgo Segundo Wanderley, artista consagrado pelo público da província. Ao estilo de Castro Alves, Segundo Wanderley redigia seus versos, que foram fortemente criticados por Antonio Marinho em 1901.

A partir das críticas de Antonio Marinho, constatou-se a possibilidade de se falar em uma história da literatura potiguar. Henrique Castriciano, em 1907, em *A República*, publicou uma série de artigos sobre o poeta Lourival Açucena. Em 1921, Luís da Câmara Cascudo lançou o livro *Alma patricia*, no qual discorreu sobre os literatos do Rio Grande do Norte. Em 1922, Ezequiel Wanderley publicou *Poetas do Rio Grande do Norte*, antologia. Outra obra crítica do período: Armando Seabra, *Ensaio de crítica e literatura*, 1923, crítica de cunho filológico, com forte elogio ao poeta Ferreira Itajubá.

A ideia de publicar uma história da literatura potiguar surgiu ainda nos anos 20 a Câmara Cascudo, mas não se concretizou. Nos anos 50, Cascudo tentou novamente investir no empreendimento com o apoio da Academia Norte-rio-grandense de Letras, porém os originais de seus escritos desapareceram.

De qualquer forma, a iniciativa de Antonio Marinho, ocorrida no final do século XIX, gerou frutos no decorrer do século XX: muitos estudiosos, ainda que dispersos e timidamente, passaram a estudar a história, obras e autores da literatura potiguar. Em 2001, o professor universitário Tarcísio Gurgel publicou o estudo crítico-historiográfico até aqui mais completo da literatura produzida no Estado: *Informação da literatura potiguar*.

A literatura impressa do Rio Grande do Norte possui como marco inicial um jornal chamado *Recreio*, que circulou na capital do Estado a partir de 1861. No referido jornal e na revista *A Tribuna*, foram publicados os versos de Lourival Açucena (1827-1907), considerado o primeiro poeta potiguar. Seus poemas e modinhas obtiveram evidência no final do século XIX, período no qual Natal possuía uma vida provinciana. Com a chegada do século seguinte e suas “modernidades”, a obra de Açucena ficou, diante do público, em segundo plano.

Em 1927, vinte anos após a morte do poeta, Câmara Cascudo reuniu alguns de seus poemas no volume *Versos*. De modo geral, a poesia de Açucena é marcada por uma diversidade de tendências estéticas, por isso, é possível perceber uma alternância entre uma linha clássica e romântica em seus poemas, além da forte influência da oralidade e da poesia de dicção popular.

A partir da proclamação da República, Natal contou com a presença de uma família envolvida numa espécie de aura, herdada dos tempos coloniais, que seguiam o modelo político imediatamente anterior, o da monarquia. À medida que esta foi se impondo, outros personagens relevantes começaram a surgir, dentre eles destaca-se o norte-rio-grandense André de Albuquerque Maranhão, e muito tempo depois, outro descendente famoso, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão.

Nesta fase da oligarquia da família Albuquerque em Natal, ocorreu uma estreita aliança entre a política e a intelectualidade, aproximação facilitada pela condição de homens cultos, de Pedro Velho, seu irmão Alberto Maranhão, o genro, Tavares de Lyra e Antônio de Souza (Policarpo Feitosa), e mais ainda pelos declarados apreciadores de artes, José Augusto e Juvenal Lamartine, tendo este último chegado a ocupar a presidência da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

A produção literária no Rio Grande do Norte, nesse período, obteve maior difusão, assim como o Teatro e a Música. Segundo Tarcísio Gurgel, “Trata-se da nossa Belle Époque”, sendo no “campo da circulação das ideias, nas manifestações do espírito por via da literatura e do jornalismo, onde o período oligárquico se mostrará mais brilhante”. Surgiram muitos periódicos, dentre eles, *A República* e a revista cultural *Oásis*, que circulou por dez anos.

Em 1889, após retornar da Bahia para Natal com dois livros publicados, Segundo Wanderley (1860-1909) tornou-se o ícone da poesia e do teatro do Estado. Utilizando-se de um estilo condoreiro, naquele período já “ultrapassado” pela estética parnasiana, obteve intensa popularidade entre seus conterrâneos. Apesar de haver ofuscado outros nomes da poesia potiguar do período, como Henrique Castriciano e Auta de Souza, a produção literária de Wanderley foi fortemente criticada por Antonio Marinho. No entendimento de Marinho, o teatro de Wanderley fazia concessão excessiva ao gosto médio, incorrendo em muitos clichês, enquanto que em sua poesia havia exagero de imagens condoreiras e falta de senso crítico. Com a morte do poeta, foram enterradas também sua rima e sua fama.

Ligada politicamente à família Albuquerque Maranhão, estava a família Castriciano de Souza, que deu origem a respeitadas figuras da vida intelectual do Estado na primeira metade do século XX, dentre estes, Henrique Castriciano (1874-1947). A primeira obra no campo da poesia de Castriciano, intitulada *Iriações*, foi publicada antes de o poeta completar os vinte anos, posteriormente, foi renegada pelo autor. Seu livro *Ruínas*, prefaciado pelo intelectual paraibano Rodrigues de Carvalho, foi publicado em 1898, quando o poeta se encontrava em Fortaleza estudando Direito.

Já em Natal, saiu o volume *Mãe*, e, apenas em 1903, ele publicou o livro *Vibrações*. Após esta obra, Castriciano não voltou a publicar livros de poesia, fato que decorreu possivelmente da sua múltipla atividade como político e animador cultural.

Também oriunda da família Castriciano, Auta de Souza (1876-1901) se constituiu como uma poeta que teve sua obra expandida além dos limites do Estado. Seu único livro *Horto* (1900) foi comentado por vários críticos importantes da literatura brasileira, como Otto Maria Carpeaux e Tristão de Athayde. No que se refere ao público, sua obra foi igualmente bem recebida: seus poemas eram recitados e cantados pelas ruas da província no início do século passado. De características românticas e simbolistas, sua poesia possui como temática recorrente a presença e

inevitabilidade da morte. Auta de Souza conseguiu aliar em seu estilo talento e elegância, por isso, apesar da morte prematura aos vinte e quatro anos, vítima de tuberculose, ainda hoje é considerada a maior expressão da poesia potiguar.

Neste primeiro momento da literatura potiguar que antecede o Modernismo, destacam-se ainda os poetas Ferreira Itajubá (1876-1912) e Palmira Wanderley (1894-1978), que, de certo modo, são precursores da estética modernista no RN. Itajubá é conhecido por seus versos simples e claros que exaltam o amor e o exílio, ainda muito próximos às características românticas. Não possuiu obra publicada em vida, apesar de escrever poemas para os jornais da época. Palmira Wanderley é considerada uma poeta refinada no uso do verso livre e na descrição da paisagem local. Sua poesia é tida como um momento de transição da estética do século XIX para a do século XX. Publicou em 1929 sua obra mais conhecida *Roseira brava*.

Na poesia popular e humorística do período, dois nomes são representativos: Renato Caldas (1902-1991) e Juvenal Antunes (1883-1941). O assuense Renato Caldas é tido como o maior representante da poesia matuta norte-rio-grandense. Comparado a nomes como Catullo da Paixão Cearense e Zé da Luz, Caldas conseguiu, de modo simples e espontâneo, abordar temas como o amor, a vida no meio rural, a simplicidade do homem do campo, a natureza e a beleza feminina. Recebeu a alcunha de “O poeta das melodias selvagens” por causa da rudeza e originalidade de seus versos. A obra mais conhecida do poeta chama-se *Fulô do mato* (1940). Juvenal Antunes é lembrado por causa da composição do poema, considerado um clássico, “Elogio da preguiça”, no qual mistura humor e irreverência.

Portanto, este primeiro tempo da literatura potiguar, quase que totalmente voltado para a produção poética, é muito mais dependente do talento individual, espontâneo, de cada artista do que de uma consciência estética apurada, ainda inexistente nos escritores da província. Escrevia-se por vocação ou por imitação dos modelos literários consagrados sem uma reflexão acerca do fazer artístico. Mas, foi o primeiro passo para a constituição de uma identidade para a literatura do Estado.

Atividade

1. Considerando a leitura da introdução do livro *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, conceitue as ideias de sistema literário e continuidade literária.
2. Tendo estudado os conceitos de sistema e continuidade literária, de Antonio Candido, e lido os capítulos iniciais da *Informação da literatura potiguar*, de Tarcísio Gurgel, é possível afirmar que existe uma literatura norte-rio-grandense contínua e sistemática? Apresente argumentos para defender o seu ponto de vista.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Introdução. In: _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 11. ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- GURGEL, Tarcísio. “Introdução”; “I parte: ... mas, porém bastante ousada”. In: _____. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.